

# SERRA-PILAR

23 outubro 2016 | ano 42 | Tempo Comum, 30 | 1981



a história dos padres operários  
depois de 1965 ainda está por ser escrita

"Os padres faziam parte do mundo do trabalho. O que os bispos temiam era a aproximação dos **padres operários** ao movimento progressista e ao comunismo através do compromisso sindical", afirmam **NATHALIE VIET-DE PAULE** e **TANGI CAVALIN**.

Eis a entrevista.

**Qual é a situação da historiografia dos padres operários?**

**NATHALIE VIET-DE PAULE** – É preciso distinguir a primeira geração, anterior a 1954, e a segunda, posterior a 1965. Foram feitos muitos estudos sobre a primeira geração. Para ser mais precisa, os pesquisadores interessaram-se pelos padres operários nas fábricas ou nos canteiros de obras, mas ignoraram os padres operários na agricultura, que também eram numerosos, mas que não foram afetados pela proibição de 1954. A história da segunda geração continua por ser escrita.

**Por que isso não foi feito?**

**NATHALIE VIET-DE PAULE** – A segunda geração não teve o mesmo impacto mediático que a primeira, que provocou um grande *frisson*. A crise de 1954 deu-lhe uma visibilidade clara.

**TANGI CAVALIN** – Depende também do facto de que **Émile Poulat**, que estudou as origens dos padres operários até 1947, considerava que só a primeira geração era significativa das relações entre a Igreja e a cultura contemporânea. Ele convenceu os historiadores do pouco interesse de estudar a segunda.

**Qual é a origem da crise de 1954?**

**TANGI CAVALIN** – É difícil responder a essa pergunta, porque os arquivos romanos sobre esse período ainda não são consultáveis. No entanto, pode-se dizer que a decisão de 1954 é o sinal de uma preocupação da hierarquia da **Igreja Católica em França** e ainda mais em **Roma**. Essa decisão deve ser recolocada novamente num conjunto de condenações: a dos teólogos como **Chenu** ou **Congar**, em 1954, ou mesmo a da revista progressista **Quinzaine**, em 1955. A essência do problema era que os padres faziam parte do mundo do trabalho. O que os bispos temiam era a aproximação dos padres operários ao movimento progressista e ao comunismo através do compromisso sindical. Além disso, em 1954, os padres puderam trabalhar, mas só a tempo parcial, o que torna quase impossível desempenhar o trabalho de operário. A proibição doutrinal cairia em 1959. Essa condenação chegou em resposta a um relatório transmitido pelo cardeal Feltrin, que desejava que os padres operários pudessem voltar a trabalhar em tempo integral para lutar contra a descristianização da França. Nesse ponto, a sensação que prevaleceu foi a de que as especificidades francesas não eram reconhecidas por Roma.

## Então, o ano de 1965 marca a revogação dessa proibição?

**NATHALIE VIET-DE PAULE** – Assiste-se principalmente a uma reorganização, a um enquadramento dos padres operários. Claro, um comunicado publicado no fim do **Concílio Vaticano II** anunciou os padres operários a exercer uma atividade em tempo integral, mas essa autorização era concedida apenas pelo Secretariado Nacional da Missão Operária, sob a autoridade dos bispos. O seu número foi limitado. Mesmo os militantes operários tinham voz na nomeação dos padres operários, aos quais se impunha que fossem inseridos nos ambientes da **Ação Católica (JOC, ACO, paróquias missionárias...)** e vivessem em equipa. Eles podiam inscrever-se num sindicato, mas não tinham o direito de exercer responsabilidades sindicais. As condições impostas a essa segunda geração, portanto, não têm nada a ver com o modo como a primeira geração de padres operários viveu a sua missão: uma missão que, justamente, explorava um caminho diferente do da **Ação Católica**, cujos limites já eram percebidos, como testemunha o livro ***La France pays de mission?***, lançado em 1943.

**TANGI CAVALIN** – A autorização da retoma dos padres operários só foi possível sob o preço dessas condições. O cardeal Veuillot, que desejava essa retoma, aceitou-as a título de garantias dadas ao Santo Ofício.

## O que aconteceu depois?

**TANGI CAVALIN** – Tudo isso não durou muito tempo. Depois de 1968, a **Missão Ouvrière** perdeu o controlo da admissão dos padres ao trabalho. Foram inúmeros até meados dos anos 1970 aqueles que entraram no mundo do trabalho operário, enquanto muitos tinham entrado em seminários ou na vida religiosa com essa perspectiva. Mas essa geração não se renovou. Sobre os padres operários, virou-se a página.

## Que balanço podemos fazer dessa experiência?

**NATHALIE VIET-DE PAULE** – A primeira geração de padres operários permitiu que se mostrasse que os valores evangélicos coincidiam com os do movimento operário na luta por mais justiça. Isso também é verdade para a segunda geração? Sem dúvida, mas até 1968 os padres operários não tinham responsabilidade sindical. O facto é que a experiência dos padres operários marcou o imaginário social como manifestação de uma proximidade. Muitas pessoas dizem ter conhecido um padre operário... simplesmente porque esse padre lhes parecia ser "social" ou próximo das pessoas, sem ser necessariamente operário.

A reportagem é de **DOMINIQUE GREINER**, foi publicada no jornal ***La Croix***, em 04-12-2015.

# PAUL GAUTHIER (1914-2002), o padre operário conciliar



Há 100 anos atrás, no dia 30 de agosto, nascia o religioso que dedicou a sua vida ao serviço dos mais pobres na sua França natal, assim como na Terra Santa: O "*profeta da Igreja dos pobres*", o padre operário que se tornou carpinteiro e marceneiro na Terra Santa para estar no "*seguimento de Jesus*" ou ainda, como afirmou uma vez Leonardo Boff, o "*pai da teologia da libertação*".

São muitos os adjetivos, epítetos, apelidos que tentaram contar a vida de Paul Gauthier, (1914-2002), mas principalmente o seu apostolado poliédrico, sempre em favor dos últimos e mais desprezados.

Um personagem que, com a sua ação de "*profeta com a espátula*", segundo uma feliz definição de Teresio Bosco, teve influência, mais do que se imagina, na abertura do Concílio Vaticano II à modernidade, ao diálogo com os distantes e com o direccionamento do catolicismo rumo às fronteiras mais "à frente" da sua missão ao lado dos pobres da terra.

Paul Gauthier nasceu na França, em La Flèche, para depois entrar no seminário em Dijon (do qual também seria mais tarde director) em 1929. Os primeiros anos da vida sacerdotal de Gauthier foram dedicados ao apostolado intelectual, à escrita, entre outras coisas, de alguns roteiros de cinema. Não é por acaso que o terreno fértil em que se formou a personalidade de Gauthier é constituído por exemplos de vida como Charles de Foucauld, Henri Bergson, Teresa de Ávila e João da Cruz.

A academia ideal do futuro ministério em favor dos pobres, em meados dos anos 1940, foi a convivência, em Marselha, com o dominicano Jacques Loew, fundador dos padres operários da França. Mas foi no ano de 1954 que o jovem sacerdote de Dijon pediu ao seu bispo, Guillaume-Marius Sembel, a exoneração do seu ministério ordinário de padre diocesano para "se dedicar à evangelização dos pobres".

Desde então, floresceram as grandes intuições de Paul Gauthier: com um grupo de jovens, ele estabelecer-se-ia em Nazaré para fundar uma pequena família religiosa, de alcance internacional: "***Os companheiros e as companheiras de Jesus carpinteiro***" (1957-1958). Menor entre os menores, ele tomou consciência, nessa martirizada faixa de terra do Oriente Médio, do drama palestiniano; boa parte do seu ministério de padre foi gasta em favor da construção de "*casas para muitos sem-teto*" (na sua maioria, refugiados das zonas de guerra).

Foi fundamental, nesses anos, o encontro com o bispo desses territórios, George Hakim, que quis o jovem padre francês ao seu lado, a partir de 1962, no Concílio Vaticano II. Uma ocasião, a do Concílio, que permitiu que o jovem Gauthier conhecesse os grandes da teologia em voga naqueles anos, debatesse com homens do calibre de Yves-Marie Congar e Henri-Marie de Lubac (que

permaneceria sempre cético em relação às reivindicações apresentadas pelo sacerdote de Dijon).

E foi precisamente o evento Vaticano II que colocou o padre Gauthier sob os holofotes: aqui ele lança as bases do movimento da *"Igreja dos pobres"*. Um manifesto programático que envolve e não deixa indiferentes muitos dos padres conciliares (cerca de 300), incluindo o cardeal de Bolonha, Giacomo Lercaro.

Foi esta, segundo muitos estudiosos, a pedra fundamental da teologia da libertação. A bússola principal de referência desde então para o sacerdote carpinteiro de Belém era a constituição pastoral ***Gaudium et spes***. E é precisamente daqueles anos (1963) a escrita de um livro que deixou o sinal mais importante do seu apostolado: ***Jésus, l'Eglise et les pauvres***.

O ano de 1964 representa, na biografia de Gauthier, um capítulo central: com o jornalista Ettore Masina (conhecido na época do Concílio), fundou a Rede Radié Resch, uma associação de solidariedade internacional chamada assim em homenagem a uma menina palestina morta por pneumonia num casebre. Desde então, para Gauthier a marca em favor dos mais fracos é ainda mais radical. É desses anos a sua convivência com o filósofo da libertação Enrique Dussel, mas também o seu distanciamento, em 1967, do drama da Guerra dos Seis Dias.

*"Desde que eu vi crianças a morrer sob o impacto de bombas, nenhuma pedra para mim tem mais importância: nem a do Santo Sepulcro, nem a do Muro das Lamentações, nem a de todas as mesquitas. Importa apenas o imenso sofrimento dos pequenos da terra, sejam eles judeus, muçulmanos, cristãos, budistas ou comunistas, negros ou brancos ou amarelos. Todos aqueles por quem Cristo morreu."*

Uma reviravolta que o levou primeiro a emigrar para o Líbano e depois para a América Latina, para se empenhar, ainda mais, em favor dos últimos e dos mais deserdados. Um impulso tão radical que levou Gauthier a distanciar-se da "Igreja Católica oficial" e a deixar o sacerdócio.

Também foi igualmente forte a decisão de se casar com o seu histórico braço direito desde os tempos do seu apostolado na Palestina, Marie Thérèse Lacaze, para poder assim adotar e dar um teto e uma família a dois pequenos órfãos, conhecidos numa viagem para a Índia. A opção preferencial pelos pobres continua a ser sempre a estrela-guia da sua vida. É memorável a sua peregrinação, no fim dos anos 1970, a Abruzzo, ao túmulo de Ignazio Silone e a sua admiração pelo escritor de *L'avventura di un povero cristiano*.

Certamente singular dessa complexa personalidade é, segundo o testemunho de um amigo íntimo seu, Pasquale Iannamorelli, a sua devoção a Celestino V, o papa da *"grande recusa"*, capaz de ser uma síntese saudável, sob *"a insígnia da pobreza evangélica"*, entre *"o monaquismo beneditino e o franciscanismo"*.

Já prejudicado pelos achaques próprios da idade e da doença, morreu no dia 25 de Dezembro de 2002, no dia de Natal, aos 88 anos, num pequeno apartamento de Marselha, permanecendo fiel a si mesmo e ao estilo de vida que tinha decidido levar durante toda a sua longa existência.

Ao comemorarmos os 100 anos do seu nascimento, talvez continuem actuais algumas das suas palavras proferidas pouco antes de morrer: *"Quero chegar ao último dia da minha vida com a alegria do testemunho e poder dizer: vivi, falei e salvei a minha alma"*.

Reportagem de FILIPPO RIZZI, publicada no jornal *Avvenire*, 29-08-2014

# ALBERTO NETO: arauto do Portugal Futuro



Fui no sábado [24 de setembro] ao Souto da Casa evocar o **PADRE ALBERTO NETO**, num momento de memória que foi, decerto como ele gostaria, uma fraterna e sóbria jornada de gratidão, de afecto e de admiração. A sessão de homenagem de dimensão colectiva teve no dr. António Lourenço Marques o primeiro obreiro, que não se cansou de esforços para fazer do acontecimento um estimulante exercício de memória. À iniciativa se associaram, com dignidade, a Junta de Freguesia do Souto da Casa e a Câmara Municipal do Fundão. Reuniram-se à volta da figura de Alberto Neto amigos e companheiros de jornada, que falaram da

sua dimensão como homem da Igreja, incessantemente apostado no seu *aggiornamento*, como pedagogo (tão importante que tem o seu nome inscrito como patrono de duas escolas da área de Lisboa!), como cidadão implicado na construção de um Portugal livre e numa cidadania de dinâmica social, quando este conceito ainda não era moda e estava na sombra.

Foi uma honra partilhar um painel onde estavam, além do António Lourenço Marques, o Prof. António Araújo, autor de uma volumosa tese de doutoramento sobre o caso da Capela do Rato e a figura de Alberto Neto, o cónego António Janela, e o jornalista Jorge Wemans que, partindo da sua vivência e história de vida, fez um testemunho relevando a importância da acção multifacetada do Padre Alberto Neto (no plano eclesial, social, cultural e político), traços que sublinhavam, afinal, a grandeza humana do sacerdote e a sua comum humanidade.

A minha aprendizagem do Padre Alberto Neto nasceu de contributos e de falas de amigos comuns, o António Morão, o António Jorge Martins, o Felicidade Alves ou o Nuno Teotónio Pereira, mais tarde o Francisco Fanhais, e todos, à sua maneira, compunham o retrato de uma das figuras mais importantes do século XX português. No tempo de antes de Abril, quando o país estava fechado em grades, chegavam-nos de longe ecos da acção e da palavra de Alberto Neto, e era uma espécie de luz que alumiaava, às vezes aquela "pequenina luz bruxuleante", que caminhava ao nosso lado, "no meio da multidão", como no magnífico poema de Jorge de Sena. A multidão era o país e a pequenina luz, a esperança.

Um dia, defini o querido Eduardo Lourenço como alguém que sempre nos ensinou a pensar acima das necessidades. Direi hoje a mesma coisa de Alberto Neto, que viu sempre na Liberdade a medida de todas as coisas e com ela confundindo, sempre, a condição intrínseca do homem e da sua aventura existencial. Era nessa contingência da própria existência que Alberto Neto desafiava os outros a construir um mundo mais habitável, com "empenho do coração", como diz um verso de Eugénio de Andrade.

Não esqueço os textos de Alberto Neto que pude publicar no "Jornal do Fundão", muito pela amizade da dr.<sup>a</sup> Alexandra Oliveira, sua sobrinha. Era sempre leitura de proveito e exemplo, matéria de inquietação e pensamento fecundo, a riqueza das ideias pontuadas de utopia, como naquele texto sobre a Escola nova, que guarda um actualidade espantosa.

A jornada de memória, a riqueza dos testemunhos e do convívio, a presença da comunidade de Rio de Mouro, a música e os poemas de Alberto Neto constituíram um acontecimento, que bem merecia atenção da chamada informação nacional, infelizmente apenas mais interessada no charco do sensacionalismo. Alberto Neto colocou sempre muita poesia nas palavras e nas coisas que marcaram o seu percurso. Ele sonhou uma "terra da alegria", de que falam os versos de Ruy Belo e talvez por isso possamos sobrepor ao seu nome o poema o Portugal futuro. Um país, que dizia Ruy Belo, "aonde o puro pássaro é possível". Alberto Neto.

**Fernando Paulouro Neves.** Jornalista.

<http://www.fernandopaulouro.com/2016/09/alberto-neto-arauto-do-portugal-futuro.html> (27-09-2016)

## **Alberto Neto [1931-1987]:**

- UM PROFETA COM PALAVRAS DE POETA**
- O HOMEM QUE DESENHAVA PORTAS  
E JANELAS NOS MUROS INSUPERÁVEIS**

***Durante a homenagem, Jorge Wemans deu um testemunho sobre as suas memórias acerca de Alberto Neto, pode ser lido, na íntegra, aqui:***

**<http://religionline.blogspot.pt/2016/09/alberto-neto-1931-1987-um-profeta-com.html#more>**

# «Padres Operários»

Trocaram a missa pela fábrica, as assembleias dominicais por plenários no local de trabalho. Já não são operários no ativo em Portugal, mas tiveram um papel de relevo nas décadas de setenta e oitenta do século passado. Os padres operários deixaram marcas na transição para a democracia. Nas fábricas, dando o exemplo no trabalho e pela solidariedade operária, ou, em consequência, pela via sindical e política. Sobretudo na “margem sul” e na península de Setúbal. Sempre com o apoio de D. Manuel Martins, que ficaria conhecido como o “bispo vermelho”. *Perdidos e Achados* recupera a memória de três ex-padres operários portugueses.



**Pe. LUÍS** foi delegado sindical e dirigente do MES, ao lado de políticos como Ferro Rodrigues. O último trabalho que teve foi como formador no IEFP em Setúbal. É hoje pároco em Palmela, Setúbal. Fez-se fresador mecânico em França, conheceu o drama da emigração até regressar para percorrer várias fábricas na península.

**Pe. MANUEL CRESPO**

esteve em França com Luís. Foi na Lisnave que ganhou fama. Assumiu as reivindicações e fez-se representante dos interesses dos trabalhadores. Esteve na origem e na retaguarda de muitas manifestações e ações de luta. Ainda se recorda da primeira reunião que teve com o administrador Álvaro Barreto. “Quería sentar-nos numa mesa redonda, mas eu disse: senhor engenheiro, desculpe lá, mas aqui os interesses são antagónicos, vocês estão de um lado e nós estamos do outro, por isso arranje lá outra uma mesa”.



O padre Manuel é hoje capelão hospitalar e pároco em Guilhufe e Duas Igrejas Penafiel. Trabalhou numa cooperativa de mobiliário, mais de 20 anos, que em 2005 faliu. A luta de classes não lhe é estranha. Entende que o marxismo continua válido “como instrumento de análise”. Nos anos quentes militou no PRP, um dos mais radicais partidos das esquerdas revolucionárias. Amigo de Otelo, esteve também preso dois anos e meio por suspeita de ligações às FP-25. “*Não tinha nada a ver com aquilo*”, diz, reafirmando que foi uma injustiça. Mas não guarda rancor.



Também o **Pe. CONSTANTINO** viveu intensamente as lutas sindicais em Setúbal. Como Luís e Manuel, trabalhou nas fábricas e liderou o influente Sindicato dos Metalúrgicos do Sul, afeto à CGTP. É hoje pároco na cidade de Setúbal. Na década de oitenta enfrentou os ordenados em atraso, as falências e conviveu com a fome dos “camaradas”. Ocupou estradas, participou em boicotes e foi detido em S. Bento quando, com outros sindicalistas, exigia uma reunião com o chefe de governo do “bloco central”, Mário Soares.

Neste *Perdidos e Achados*, os três ex-padres operários recordam os sonhos e as deceções. Dizem o que pensam sobre os políticos, a política, o “estado da arte” e uma Igreja “distante” do mundo do trabalho.

Jornalista - Joaquim Franco \ Repórter de Imagem - Pedro Carpinteiro \ Edição de Imagem - Vanda Paixão \ Produção - Cláudia Araújo, Madalena Durão Coordenação - Maria João Ruela \ Direção - Alcides Vieira

***Perdidos e Achados***

<http://sicnoticias.sapo.pt/programas/perdidosachados/2014-02-21-padres-operarios>